



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM
ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO

SUZY NUNES CRISPIM

ECONOMIA SOLIDÁRIA NA VISÃO DOS ALUNOS DA EJA:
COMPREENSÕES E CONCEPÇÕES NOS MOMENTOS DE CONCLUSÃO DO
ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB

CUITÉ – PB

2017

SUZY NUNES CRISPIM

**ECONOMIA SOLIDÁRIA NA VISÃO DOS ALUNOS DA EJA:
COMPREENSÕES E CONCEPÇÕES NOS MOMENTOS DE CONCLUSÃO DO
ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase e Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisito para a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof.^a Dra. Michelle Gomes Santos

CUITÉ – PB
2017

UFPEBIBLIOTECA



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

C932e

Crispim, Suzy Nunes.

Economia solidária na visão dos alunos da EJA: compreensões e concepções nos momentos de conclusão do ensino médio em uma escola pública no município de Cuité - PB. / Suzy Nunes Crispim. – Cuité: CES, 2017.

53 fl.

Monografia (Especialização em educação de jovens e adultos com ênfase em economia solidária no semiárido paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2017.

Orientadora: Michelle Gomes Santos.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Economia solidária. 3. Oportunidade de emprego. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCG

CDU 374.7

SUZY NUNES CRISPIM

**ECONOMIA SOLIDÁRIA NA VISÃO DOS ALUNOS DA EJA:
COMPREENSÕES E CONCEPÇÕES NOS MOMENTOS DE CONCLUSÃO DO
ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do Grau de Especialista.

Aprovada em 17 de MAIO de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Michelle Gomes Santos (Orientadora)

UFCG/CES

Prof.^a Dra. Marisa de Oliveira Apolinário (Titular - Interno)

UFCG/CES

Prof. Dr. José Carlos Oliveira Santos (Titular - Interno)

UFCG/CES

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as conquistas alcançadas na minha vida, vencendo sempre os obstáculos surgidos.

À minha mãe Sinina, pelo seu amor e seu incentivo sempre nos meus estudos.

À minha irmã Solange, que sempre torceu por mim.

À minha amiga Ângela Pontes, que sempre me ajudou, que Deus te abençoe. Obrigada por tudo!

Ao meu namorado Renato, pelo seu incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

À minha amiga-companheira Maraiza Cavalcante, por todas as caronas e principalmente por toda ajuda durante o curso.

Aos meus amigos que sempre torceram e confiaram em mim.

Aos amigos que fiz durante a especialização, vocês abrilhantaram essa caminhada.

Ao meu grupo de seminários, construímos um quinteto de amizade, onde sempre estávamos juntas. Obrigada Carolina Souto, Larissa Thuane, Maraiza Cavalcante e Naiza Pontes, vocês são especiais.

À minha orientadora professora Dra. Michelle Gomes Santos, por ter aceitado o convite de orientar-me na pesquisa, obrigada por sua ajuda na construção desse trabalho.

Aos professores Dra. Marisa de Oliveira Apolinário e ao Dr. José Carlos Oliveira Santos, por terem aceitado o convite de fazer parte da banca, enriquecendo esse momento tão importante na minha vida.

Aos meus alunos da EJA, sem eles minha pesquisa não teria existido.

Enfim, obrigada a todos que direto ou indiretamente, ajudaram a concluir minha especialização.

CRISPIM, Suzy Nunes. Economia Solidária na visão dos alunos da EJA: compreensões e concepções nos momentos de conclusão do ensino médio em uma escola pública no município de Cuit. Monografia de conclusão da especialização. Universidade Federal de Campina Grande. UFCG, Cuité/PB, 2017.

RESUMO

O presente estudo trouxe como proposta apresentar aos alunos concluintes do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Orlando Venâncio dos Santos (EEEMOVS) o tema da Economia Solidária dentro da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), como um possível instrumento que norteie um campo para a condução de emprego e geração de renda e, através dessa visão, motivá-los a explorarem novas expectativas no mercado de trabalho, quando a esse público, muitas vezes são negadas oportunidades de emprego devido não terem estudo. Teve como alavanca a experiência em sala de aula com alunos do 3º ano do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual de Ensino e Médio Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, mediada pela observação da retomada aos estudos após a exclusão no mercado de trabalho. A pesquisa foi realizada com 53 alunos da referida escola. Dentre os principais resultados, destaca-se que a média de idade dos mesmos foi de aproximadamente 22 anos e que a maioria dos discentes foi do gênero feminino (54,72%). Verificou-se que as mulheres (68 %) ficaram mais tempo afastadas da escola. Quanto à motivação que os levou a voltarem a estudar, os alunos responderam de forma que evidenciou a vontade de fazerem concurso e conseguir um emprego melhor. Quanto ao que entenderam sobre Economia Solidária na EJA, os discentes relataram que é uma forma de economia que predomina a cooperação e autogestão. Assim, alunos colaboraram de forma prestativa e participativa, mostrando interesse no assunto abordado, vendo que a modalidade oferta um novo caminho para que possam mudar sua realidade socioeconômica.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Economia Solidária; Oportunidade de Emprego.

Crispim, Suzy Nunes. Solidarity Economy in the vision of the students of the EJA: understandings and conceptions in the moments of completion of high school in a public school in the micority of Cuité-pb. Specialization completion monograph. Universidade Federal de Campina Grande. UFCG, Cuité/PB, 2017.

ABSTRAT

This study brings as a proposal to present to graduating high school students of the Escola Estadual de Ensino Médio Orlando Venancio Santos (EEEMOVS) the theme of Solidarity Economy within the Youth and Adult Education (EJA) modality, as a possible instrument guiding a field for the engender of employment and income and, through this vision, motivate them to explore new expectations in the job market, when this public is often denied job opportunities because they have no study. This research had as a lever the experience in the classroom with students of the 3rd from high school year of Youth and Adult Education of the Escola Estadual de Ensino Médio Orlando Venâncio Santos, municipality of Cuité - PB, mediated by the observation of the resumption of studies after exclusion in the labor market. The research was carried out with 53 students of said school. Among the main results, the average age was approximately 22 years and the majority of the students were female (54.72%). It was found that women (68%) spent more time away from school. As for the motivation that led them to return to study, the students responded in a way that showed the desire to contest and get a better job. Regarding what they understood about Solidary Economy in the EJA, the students reported that it is a form of economy that predominates cooperation and self-management. Thus, students collaborated in a helpful and participative way, showing interest in the subject addressed, seeing that the modality offers a new way for them to change their socioeconomic reality.

Key-words: Youth and Adult Education; Solidarity Economy; Job opportunity.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 01.** Exposição dos motivos pelos quais os alunos do 3ºano da EJA (n=53), da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, abandonaram o ambiente formal de aprendizagem em suas histórias de vida.29
- Quadro 02.** Exposição de relatos dos alunos do 3º ano da EJA (n=53), da E.E.E. M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, em relação aos motivos que levaram a voltar à vida escolar.....30
- Quadro 03.** Exposição de relatos dos alunos do 3ºano da EJA (n=53), E.E.E. M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, em relação aos motivos que levaram a escolher a modalidade EJA..... 31
- Quadro 04.** Relatos dos alunos do 3º ano EJA (n=53), da E.E.E. M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, em relação às perspectivas para o futuro após terminarem o ensino médio a EJA.....33
- Quadro 05.** Relatos dos alunos do 3º ano da EJA (n=53), da E.E.E. M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, em relação ao que entenderam sobre Economia Solidária.....34
- Quadro 06.** Relatos dos alunos do 3º ano da EJA (n=53), da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, em relação ao que entenderam sobre cooperar..... 36
- Quadro 07.** Relatos dos alunos do 3º ano da EJA (n=53), da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, em relação a características que não pode faltar na Economia Solidária.....37

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01. Distribuição percentual dos alunos do terceiro ano de EJA (n=53) da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2016, quanto ao gênero.....27

Gráfico 02. Distribuição percentual dos alunos do 3º ano da EJA (n=53), da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos de Cuité-PB, 2017, quanto à possibilidade de vantagens potenciais da ECOSOL.....38

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Distribuição dos alunos do 3º ano de EJA (n=53) da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2016, quanto ao tipo de ocupação que desempenha.....28

Tabela 02. Distribuição dos alunos do 3º ano da EJA (n=53) da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, quanto fato de terem parado de estudar em algum momento da vida escolar.....28

Tabela 03. Distribuição dos alunos do 3º ano da EJA (n=53) da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, quanto à possibilidade de terem sentido dificuldade em voltar a estudar.....32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1. Educação de Jovens e Adultos (EJA): caracterização e contexto nacional.....	13
2.2- O Desafio da Educação na Modalidade EJA.....	17
2.3. Economia Solidária (ECOSOL).....	19
2.4. Princípios Básicos da Economia Solidária.....	21
2.4.1. Cooperação.....	21
2.4.2. Autogestão.....	21
2.4.3. Ação Econômica.....	22
2.4.4. Solidariedade.....	23
3. METODOLOGIA.....	24
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
4.1. Caracterização dos Alunos da EJA (EEEMOVS) Quanto aos Aspectos Sócio Demográficos.....	26
4.2. Percepção dos Discentes Quanto à EJA.....	30
4.3. Intervenção Didática com os Alunos da EJA sobre a ECOSOL.....	34
4.4. Visão dos Alunos da EJA sobre a ECOSOL após a Intervenção.....	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
6. REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICES.....	44

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi idealizado após o contato como docente com a problemática dos alunos que abandonam a escola e retomam sua vida escolar após um tempo, alegando muitas vezes a falta de oportunidade de mercado, e identificar se havia algum conhecimento desse público sobre uma forma de agregar ao estudo um viés econômico. Apresentando a esses a Economia Solidária. Essa proposta foi aplicada aos alunos concluintes do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Orlando Venâncio dos Santos (EEEMOVS) cujo tema da Economia Solidária dentro da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), como um possível instrumento que norteie um campo para a condução de emprego e geração de renda, e através dessa visão motivá-los a explorarem novas expectativas no mercado de trabalho.

A modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), é uma modalidade de educação voltada para as pessoas que, por algum motivo, não tiveram a oportunidade de estudar na faixa etária ideal segundo os direitos da criança ou que abandonaram a escola. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases, LDB Art. 37. “A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996).

Atualmente, sabe-se que a EJA inclui educandos adolescentes, jovens, adultos e idosos. Esse público muitas vezes sofre discriminação por não ter estudado em momento anterior, sendo vítima de uma sociedade arraigada em preconceitos. Segundo o educador Paulo Freire, a EJA é formada por “pessoas que não tiveram infância, ou tiveram uma infância frustrada, tem vergonha de si mesmos, possuem complexo de inferioridade diante da sociedade que os oprime e os discrimina” (FREIRE, 1987).

Os integrantes da modalidade EJA, são comumente alunos que se caracterizam por terem, no transcurso de sua vida acadêmica, algo que os impediu de seguirem o percurso letivo normal. E que, após algumas dificuldades vivenciadas no transcorrer de sua vida, sentiram a necessidade de retomar os estudos. Um dos pontos cruciais a ser observado nesse grupo, é a dificuldade constantemente relatada de serem incluídos no mercado de trabalho, tornando-os comumente alvo de desvalorização salarial da mão-de-obra devido à falta de escolaridade. E, como consequência, a exploração das empresas sobre tais colaboradores, que muitas vezes não têm conhecimento sobre seus direitos trabalhistas.

O referido cenário educacional acima descrito é recorrente na sociedade brasileira, logicamente com diferenças históricas e também regionais. Há atualmente uma preocupação em não só cumprir e sanar a ausência da escolaridade, como também agregar valor ao

processo ensino↔aprendizagem visando à inserção no mercado de trabalho ainda durante a formação destes jovens e adultos.

Considerando os aspectos gerais de produção capitalista que opera em nosso país, os esforços educacionais – não só em EJA, como também em demais propostas de ensino – buscam uma qualificação do indivíduo e futura inserção deste no mercado de forma igualitária, justa e holística. Há que se considerar não uma inserção forçada pela pura, ubíqua e simples necessidade de sobrevivência. Muito mais, a formação do ser com liberdade e criticidade. Criticidade esta que, inclusive e acima de tudo, proveja ao indivíduo a capacidade de se questionar, debater e escolher a maneira com a qual vai responder às pressões de sobrevivência encaixando-se ou não no modelo vigente, ou ainda buscando e experimentado outras formas de produção, comercialização e aquisição de bens e bem-estar.

Emerge nessa bruma de desejos e buscas, individuais e coletivas, a proposta da Economia Solidária (ECOSOL), a qual ocorre de forma particular, sistematizada e organizada pelos próprios participantes, planejando um trabalho social comum a todos. A mesma apresenta uma característica particular, que é a distribuição de tarefas a todos integrantes do grupo. Para Singer:

A Economia Solidária foi concebida como um modo de produção que tornasse impossível a divisão da sociedade em uma classe proprietária dominante e uma classe sem propriedade subalterna. Sua pedra de toque é a propriedade coletiva dos meios sociais de produção (além da união em associações ou cooperativas dos pequenos produtores). Na empresa solidária, todos que nela trabalham são seus donos por igual, ou seja, têm os mesmos direitos de decisão sobre o seu destino. E todos os que detêm a propriedade da empresa necessariamente trabalham nela. (SINGER, 2005, p.14).

Ela é uma forma de produção e distribuição de riqueza centrada na valorização do ser humano e não do capital. Englobando as dimensões sociais, políticas, ecológicas e culturais. Isto porque, além da visão econômica de geração de trabalho e renda, as experiências de Economia Solidária se projetam no espaço público no qual estão inseridas, tendo como perspectiva a construção de um ambiente socialmente justo e sustentável.

Portanto, essa pesquisa teve como alavanca a experiência em sala de aula com alunos do 3º ano do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual de Ensino Médio Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, mediada pela observação da retomada aos estudos após a exclusão no mercado trabalhista.

UFCCAT/OTMCA

Desafiada a trabalhar com a turma de modo a promover o processo aprendizagem de maneira humanizada e qualificada, procurou-se saber:

- a) Os discentes da turma de modo têm acesso a informações atuais sobre formas alternativas de produção?
- b) Os alunos procuram fazer uma projeção sobre o futuro profissional de cada um deles ainda no processo de formação escolar na EJA?

A partir de relatos dos próprios alunos, observou-se que os mesmos se encontram em condições de seres humanos expostos à exclusão socioeconômica, e que vêm enfrentando as dificuldades de serem inseridos no mercado de trabalho da região.

Considerou-se assim como hipóteses as seguintes assertivas:

- I – Os discentes tem acesso a informações atualizadas sobre formas alternativas de produção;
- II – Os alunos já fazem auto avaliação de seus futuros profissionais e projetam respostas.

Logo, o axioma da presente pesquisa foi levar a esse público uma ponte de oportunidade de emprego, apresentando-os à Economia Solidária.

Esse trabalho trouxe como proposta apresentar a esses alunos o tema da Economia Solidária como um possível instrumento que norteie um campo para a condução de emprego e geração de renda, e através dessa visão motivá-los a explorarem novas expectativas no mercado de trabalho.

Nesse prisma, a presente monografia descreve a concepção inicial dos alunos do 3º ano do ensino médio da turma de EJA da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos quanto à Economia Solidária. Como objetivos específicos, buscou-se:

- a) Caracterizar o aspecto sócio demográficos dos alunos;
- b) Identificar as motivações dos referidos alunos quanto à opção pela EJA;
- c) Levantar o conhecimento dos referidos alunos sobre ECOSOL;
- d) Realizar atividades de explicação do modelo de Economia Solidária;
- e) Resgatar o conhecimento construído junto às turmas sobre a ECOSOL.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Educação de Jovens e Adultos (EJA): caracterização e contexto nacional

Ao estudarmos a história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, pode-se observar os primeiros sinais durante a colonização portuguesa (1500-1822), quando os jesuítas organizavam uma forma de catequizar os nativos, incluindo no mesmo espaço crianças e adultos. “O ensino da leitura e escrita também esteve atrelado à catequese, sendo esta uma das ações prioritárias no projeto de colonização”. (GALVÃO e SOARES, 2004).

Os jesuítas foram os primeiros a lecionarem o que fundamenta atualmente o conceito da modalidade de Educação Jovens e Adultos – EJA. Esses como discentes adequaram a forma de ensino à vivência dos nativos, moldando as diretrizes pela diversidade do público assistido. E como ferramenta para chegar a esses povos, sentiu a necessidade do aprendizado da língua territorial, como forma de familiarização para solidificar uma relação de troca de conhecimentos. “A educação e catequese das crianças indígenas, sendo assim realizada com índios adultos e por parte dos jesuítas que apreendeu a língua desse grupo para catequiza-los e educa-los” (GALVÃO e SOARES, 2004).

Após a colonização, foi contínua a necessidade de trazer o conhecimento aos jovens e adultos. No decorrer dessa trajetória, a modalidade desse tipo de ensino passou por diversos codinomes, os quais Rezende cita alguns:

Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (1947, governo Eurico Gaspar Dutra); Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958, governo Juscelino Kubitschek); Movimento de Educação de Base (1961, criado pela Conferência Nacional de Bispos do Brasil-CNBB); Programa Nacional de Alfabetização, valendo-se do método Paulo Freire (1964, governo João Goulart); Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral (1968-1978, governos da ditadura militar); Fundação Nacional de Educação de Jovens e Adultos - Educar (1985, governo José Sarney); Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania - Pnac (1990, governo Fernando Collor de Mello); Declaração Mundial de Educação para Todos (assinada em 1993, pelo Brasil, em Jomtien, Tailândia); Plano Decenal de Educação para Todos (1993, governo Itamar Franco); e [...] o Programa de Alfabetização Solidária (1997, governo Fernando Henrique Cardoso). (REZENDE et al, 2000, p.523).

Todos esses programas buscaram atingir o público, que por algum motivo, não tiveram o direito a escola, desenhando uma sociedade carente na formação acadêmica, as quais buscavam ocupar seu espaço, mesmo enfrentando as diversidades, muitas vezes pela distinção de idade ou pela condição de trabalho, para poderem realizar os seus objetivos. O que levavam a busca de qualquer caminho que os permitissem o contato com o aprendizado, mesmo que muitas vezes, esse conhecimento fosse repassado por outros que não eram detentores da titularidade de discentes. “Durante muitos anos as escolas noturnas eram a única forma de alfabetizá-los após um dia árduo de serviço, e muitas dessas escolas na verdade eram grupos informais, onde poucos que já dominavam o ato de ler e escrever o transferia a outros”. (MARTINS e AGLIARDI, 2013, p. 5).

Na descrição de Melo. et.al, (2012) “no final do século XIX, desenvolveu-se fortemente a ideia de importância da alfabetização de adultos, em especial como condição primeira para as novas relações de trabalho industrial. Porém, só depois da década de 40 foi que esse tipo de ensino começou a ser mais valorizado, pois, com o desenvolvido industrial, sentiu-se à necessidade de educar mais esse público, que precisavam saber utilizar as máquinas e os processos burocráticos, cujo conhecimento era exigência nessa forma de trabalho”.

Notou-se um grande êxodo rural para os grandes centros industriais nesse período, onde o homem do campo criou novas expectativas para melhoria de sua qualidade de vida, onde pudesse trazer à família a perspectiva de trabalho nesse novo panorama social. No entanto, ao chegar enfrenta a realidade do perfil exigido pela sociedade industrializada, que o fez buscar as escolas para se alfabetizarem ou retomar seus estudos. Como afirma Martins e Agliardi (2013, p.5) a população da zona rural migrou para o centro urbano na expectativa de melhor qualidade de vida, ao chegarem aos centros urbanos surgia à necessidade de alfabetizar os trabalhadores.

Embora, a proposta de escolarizar os jovens e adultos, como citou-se, venha desde os primórdios da colonização, o termo Educação Jovens e Adultos, começa a ter ênfase na década de 90, ganhando seu registro na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96). Como afirma Márcia Friedrich (2010), nesta década a articulação em torno da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL 1996), reafirmou a institucionalização da modalidade EJA substituindo a denominação Ensino Supletivo por EJA. Esta mudança de denominação é controversa para alguns autores.

A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, não se desvincula de Paulo Freire, cujo método desenvolvido na década de 60, teve sua primeira aplicação na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. Tendo a preocupação de alfabetizar pessoas que não tiveram o direito a escola na idade padrão, sendo uma característica desse sistema à utilização da realidade vivenciada no trabalho pelos alunos, nos momentos de ensinamentos. Como afirma Costa:

No Rio Grande do Norte, a aplicação do Método Paulo Freire na cidade de Angicos é fruto, todavia, de um processo que tem sua origem nos programas de “cooperação” e “ajuda” econômica norte americana, viabilizado pela “Aliança para o Progresso” através dos acordos entre o governo do Estado, na pessoa de Aluizio Alves e a USAID (Agência Internacional de Desenvolvimento) norte-americana (COSTA, S/D. p. 3).

Embora o pensamento de Paulo Freire sobre uma metodologia que chegasse a seu objetivo de forma mais rápida, fosse um grande passe para alargar a nova fronteira do contato com o conhecimento didático, esbarrou no período do golpe militar, onde houve uma grande repressão de pensamentos que eram vistos como subversivos, nessa visão, Martins e Agliardi (2013, p.6) observa que Freire foi o responsável em organizar e desenvolver um programa nacional de alfabetização de adultos, porém com o golpe militar o trabalho proposto por ele foi visto como ameaça ao regime. Assim, ele considerava que a educação era uma ferramenta que levava o ser humano a ter a capacidade crítica diante do entendimento de sua realidade, sendo esse ator de seu destino a partir de lutas pelos seus ideais, e fazendo dessa capacidade a engrenagem de mudança sociocultural.

Portanto, essa preocupação de aproveitar o conhecimento adquirido durante toda a vida do aluno persiste até os dias atuais. E, nesse contexto, a EJA é a modalidade de ensino que abrange tanto a alfabetização e a educação básica de adultos, quanto aos ensinamentos que ajudem na vida profissional. Como a LDB, afirma no seu Art. 37, § 3º que “A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (BRASIL, 1996)”.

No artigo 208 da Constituição Brasileira de 1988 é sucinto que: O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria (BRASIL, 1988).

Em 1997, o Conselho Nacional de Educação (CNE) lança o Parecer 05/97 que aborda a questão da denominação “Educação de Jovens e Adultos” e “Ensino Supletivo”, o qual

define os limites de idade fixados para que jovens e adultos se submetam a exames supletivos, explica a mudança na faixa etária, que antes era de 18 anos para o ensino fundamental e 21 anos para o ensino médio. Com a LDB de 1996, houve mudanças nessas idades como cita o Art. 38, § 1º “A idade mínima para ingressos na EJA é de 15 anos para o ensino fundamental e 18 para o ensino médio” (BRASIL, 1996).

Em 2000, foi lançado o Parecer do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, CNE/CEB nº 11/2000 apresentando três funções básicas da EJA: função reparadora; função equalizadora; função qualificadora (BRASIL, 2000).

A função reparadora tem como intuito devolver ao público da EJA seus direitos, muitos jovens e adultos sofrem preconceitos ao longo de sua existência por não terem estudos, são pessoas ditas “ignorantes”, em alguns casos não sabem correr atrás dos seus direitos como cidadãos. Dentro da modalidade EJA essa função vem reparar esses direitos perdidos ao longo de sua vida, inclusive na vida escolar. Como elucida o Parecer CNE/CEB nº 11/2000:

Desse modo, a **função reparadora** da EJA, no limite, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano. Desta negação, evidente na história brasileira, resulta uma perda: o acesso a um bem real, social e simbolicamente importante. Logo, não se deve confundir a noção de reparação com a de suprimento. (BRASIL, 2000, p.7)

A função equalizadora trata as oportunidades iguais para todos, trabalha principalmente com os ex-alunos, público esse que em algum momento da vida já frequentaram a escola e por motivos particulares foram obrigados a se afastarem por um tempo. São oportunidades que não se restringem a ter uma boa educação, boas escola, vai além. Essa função oferece oportunidades com visões em melhores trabalhos, como também na vida social. Bem como ilustra o Parecer CNE/CEB nº 11/2000:

A **função equalizadora** da EJA vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação. (BRASIL, 2000, p. 9).

A função qualificadora tem o intuito de qualificar esses estudantes da EJA com base numa educação que seja permanente, são os conhecimentos do senso comum que ganha valor, não se resume aos conhecimentos escolares, vai além, são os conhecimentos do dia-a-dia que ajudam a esses estudantes na própria formação como ser humano. Assim como esclarece o Parecer CNE/CEB nº 11/2000:

Esta tarefa de propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida é a **função permanente** da EJA que pode se chamar de **qualificadora**. Mais do que uma função, ela é o próprio **sentido** da EJA. Ela tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares. Mais do que nunca, ela é um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade. (BRASIL, 2000, p. 11)

Ainda na Resolução CNE/CEB nº1/2000, estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, afirma no seu artigo 5º paragrafo único que:

Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio. (BRASIL, 2000, p.1)

No decorrer de todas as etapas em que a educação de Jovens e Adultos transcorreram até atingirem a modalidade EJA, foram necessárias muitas adaptações através de normas e resoluções, que se fixaram de forma a garantir o resultado proposto, podendo ser visto atualmente como a oportunidade para escolarizar o público marginalizado por ser atemporal em sua vida acadêmica, assim sempre enfrentando novos desafios.

2.2- O Desafio da Educação na Modalidade EJA

O mundo globalizado em que vivemos, exige cada vez mais, de profissionais capacitados para enfrentarem as mudanças que acontecem no sistema educacional, que devem se adequar as mudanças socioeconômicas. Mediante as classes sociais envolvidas no processo, formam-se novas formas de equalizar o déficit educacional através de políticas públicas que abranjam todo o social, o qual requer nesse aspecto que seja exigido do professor

um ser crítico, criativo, capaz de enxergar as habilidades, como também às dificuldades dos alunos, levando a esses não apenas a forma simplista de transmitir seus ensinamentos, mas, convertendo a construção dos conhecimentos num *feedback* entre discentes e docentes, o que leva o aluno a desenvolver novas competências à sua formação. Apreciamos no pensamento de Barcelos que:

O saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com as suas experiências de vida e com a sua historia profissional, com as suas relações com os alunos os em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, por isso é necessário estudá-lo relacionando com esses elementos constitutivos do trabalho docentes (TARDIF,2002, p.11)

A proposta primordial da modalidade EJA, está fundada no ensino aprendizagem através da relação do cotidiano vivenciado pelo aluno que está inserido no processo, trazendo para esse uma linguagem de sinais que seja ligado ao seu dia-a-dia, despertando nele o interesse por algo palpável, para conduzi-lo a um caminho que seja absorvido novos conhecimentos, promovendo o despertar de uma visão mais aguçada para o campo de estudo que o eleve para uma competitividade no mercado de trabalho. Como afirma Strelhow:

Um novo pensar sobre a educação de jovens e adultos traz para o âmbito escolar questões relativas ao processo histórico do aluno. Existem muitos motivos que levam esses adultos a estudar, como, exigências econômicas, tecnológicas e competitividade do mercado de trabalho. Vale destacar, que outras motivações levam os jovens e adultos para a escola, por exemplo, a satisfação pessoal, a conquista de um direito, a sensação da capacidade e dignidade que traz auto estima e a sensação de vencer as barreiras da exclusão. (STRELHOW, 2010, pág.10).

Contudo, o empasse está na relação do aluno EJA com o mercado de trabalho. Esse público, na sua maioria, já participou em algum momento na vida acadêmica, trazendo muitas vezes os bloqueios adquiridos no histórico escolar. Desenhando um perfil de participantes que buscaram mesmo fora da faixa etária regular, o retorno aos estudos. Elencando vários motivos que os afastaram da sequência acadêmica. E, por consequência de fatores pessoais ou socioeconômicos, sentiram a necessidade de buscar qualificação através do estudo.

Com esse novo cenário na educação, acarretou à necessidade de se fazer as inovações com projetos que desse respaldo ao corpo discente, o qual apresentou além da necessidade de dar continuidade aos conhecimentos acadêmicos, à busca pela qualificação para o mercado de

trabalho. Embasado nessa lacuna, a junção da modalidade EJA à economia solidária, viabiliza uma oportunidade desses componentes, encontrar uma forma de trabalho em conjunto.

2.3. Economia Solidária (ECOSOL)

O significado encontrado no Atlas da Economia Solidária no Brasil, elaborado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), define Economia Solidária como:

Economia Solidária é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem (BRASIL, 2013).

O conceito dessa economia está relacionada à proposta de uma divisão econômica regida pela solidariedade do trabalho partilhado entre os componentes que estão envolvidos no processo. A forma de trabalho é um ponto essencial em que todos se voltam para um bem comum, assegurando o processo econômico. Como conceitua Paul Singer:

Como diz a expressão – Economia Solidária (ECOSOL) – o que esta propõe é "a prática da solidariedade no campo econômico". Como ela visa a uma sociedade de iguais, opõe-se à ideia de que o jogo econômico é inevitavelmente de soma zero. Em vez disso, a ECOSOL sustenta que a cooperação entre os participantes torna possível que todos ganhem. (SINGER, 2005, pág. 15)

A Economia Solidária foi idealizada como um modo de produção igualitário entre os participantes, favorecendo a união em associações ou cooperativas dos pequenos produtores. Nesse tipo de economia, todos os trabalhadores que fazem parte são iguais, tem os mesmos direitos e poder de decisão de tudo sobre o destino do seu comércio, inclusive a divisão do trabalho é por igual, cada integrante é responsável por uma função, melhorando o rendimento, pois o trabalhador vai produzir com menos esforço, o que levaria a um desgaste pessoal bem maior se cada um produzisse isoladamente. Como afirma Singer:

Na Economia Solidária, cada trabalhador é responsável pelo que ocorre com a empresa, participando plenamente tanto das sobras quanto dos prejuízos. Se as sobras são significativas, parte delas será investida no empreendimento, valorizando a propriedade do conjunto dos sócios; outra parte poderá ser repartida entre eles ou

colocada em um fundo de reserva. É a assembleia dos sócios que decide o que deve ser feito com as sobras ou como devem ser cobertos os prejuízos, se houver (SINGER, 2005, p.14).

Todos são responsáveis pela empresa que trabalham, participando totalmente tanto das sobras, quanto das perdas. É no conjunto que os participantes do processo resolvem o que melhor fazer com as sobras existentes, podendo essas terem vários fins, como por exemplo: aplicar no empreendimento; dividir entre todos ou colocar toda sobra em fundo de reserva. É importante destacar que: qualquer que seja a decisão sempre vai ser tomada em equipe e não apenas por uma única pessoa, chegando sempre ao melhor consenso para empresa. Paul Singer afirma que: “Na empresa solidária, todos que nela trabalham são seus donos por igual, ou seja, têm os mesmos direitos de decisão sobre o seu destino. E todos os que detêm a propriedade da empresa necessariamente trabalham nela” (SINGER 2005, p. 14).

A Economia Solidária é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Enquanto na economia convencional existe a separação entre os donos do negócio e os empregados, na economia solidária os próprios trabalhadores também são donos. São eles quem tomam as decisões de como tocar o negócio, dividir o trabalho e repartir os resultados.(BRASIL, 2013)

No Brasil, pode-se encontrar diversos empreendimentos baseados nas práticas da economia solidária organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, redes de cooperação, entre outras. Sempre procurando realizar atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário. Sendo descrito pelo SENAES como:

Desse modo a economia solidária, aponta para uma nova lógica de desenvolvimento sustentável com geração de trabalho e distribuição de renda, mediante um crescimento econômico com proteção dos ecossistemas. Seus resultados econômicos, políticos e culturais são compartilhados pelos participantes, sem distinção de gênero, idade e raça. (BRASIL, 2013).

Ao entrarmos em contato com essa nova forma de logística de ensino, que contém em seu conteúdo um meio que eleve o participante à condição de ser capacitado para o mercado de trabalho cooperativo, verificamos a abrangência no campo socioeconômico, embasado nos princípios básicos da Economia Solidária.

2.4. Princípios Básicos da Economia Solidária

As práticas da Economia Solidária envolvem uma mudança cultural, onde os participantes precisam passar por uma formação para poder se estabelecer. Ela está fortemente ligada a quatro princípios que são fundamentais para essa mudança na formação cultural. São eles: cooperação; autogestão; ação econômica e solidariedade.

2.4.1. Cooperação

Uma definição encontrada para cooperação no dicionário “*online*” de português é: “Ação de cooperar, de auxiliar e colaborar, prestando ajuda ou auxílio; dar contribuição para; colaboração ou contribuição”. Portanto a Cooperação é um processo de interação social, onde os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os benefícios são distribuídos para todos.

A Economia Solidária baseia-se na ajuda mútua, e esse princípio da cooperação é o ponto de partida para esses empreendimentos aconteçam de uma forma, onde, os participantes devem trabalhar de forma colaborativa, ajudando uns aos outros, buscando os interesses e objetivos em comum, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva e a partilha dos resultados. Esse é o grande diferencial dessa economia, o pensamento do bem coletivo e não a competição entre eles. Como afirma Gadotti:

A educação para a cooperação e para a autogestão é necessária para formar as pessoas envolvidas em empreendimentos solidários a compreender sua empresa e administrá-la adequadamente. Não se pode entrar numa cooperativa com mentalidade capitalista (GADOTTI, 2009, p.35)

A relação da educação com o cooperativismo se apresenta como forma de fortalecer um grupo para um objetivo comum, onde seus participantes aprendem a administrar seus interesses de forma altruísta, mesmo que uma das propostas de Economia Solidária tenha também fins de empreendimento com retorno de capital.

2.4.2. Autogestão

Segundo o Técnico da Associação Nacional dos Trabalhadores de Empresas Autogestionárias - ANTEAG Luigi Verardo (2003, p.60):

UFCCIBIBLIOTECA

“autogestão” significa organização de uma forma de empreendimento coletivo em que se combinam a cooperação do conjunto dos trabalhadores nas atividades produtivas, serviços e administração, com o poder de decisão sobre questões relativas ao negócio e ao relacionamento social das pessoas diretamente envolvidas. (VERARDO, 2013, p.60).

O princípio da autogestão é caracterizado por ser um método no qual os integrantes decidem tudo sobre o trabalho produzido. É uma forma de gestão que não é encontrada no mundo capitalista, onde há um monopólio hierárquico, apresentando no seu perfil a coletividade como base estrutural, todos tendo os mesmos direitos de opinar, de controlar seus negócios, de forma a caracterizar uma gestão totalmente democrática. Como define o SENAES:

As decisões nos empreendimentos são tomadas de forma coletiva, privilegiando as contribuições do grupo ao invés de ficarem concentradas em um indivíduo. Todos devem ter voz e voto. Os apoios externos não devem substituir nem impedir o papel dos verdadeiros sujeitos da ação, aqueles que formam os empreendimentos (BRASIL, 2013).

A Economia Solidária e a autogestão caminham juntas, é preciso entender que não existe patrão, todos os trabalhadores são os donos, exercitando as práticas de gestão, definindo as estratégias para os empreendimentos com relação à direção, a coordenação, a melhores investimentos com as sobras, definindo sempre o melhor para o grupo.

2.4.3. Ação Econômica

Na Economia Solidária não é perceptível a diferença de outras formas de economia, no referencial ao retorno econômico dos participantes, que tem como objetivo possuírem uma renda financeira, e através dessa expectativa os colaboradores não medem esforços, recursos e conhecimentos para viabilizar as iniciativas coletivas de produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo. Condicionando suas realizações ao modo pecúnia adquiridas pelo conjunto. “Evidente que sem abrir mão dos outros princípios, a economia solidária é formada por iniciativas com motivação econômica, como a produção, a comercialização, a prestação de serviços, as trocas, o crédito e o consumo (BRASIL, 2013)”.

ação econômica é uma das bases de motivação da agregação de esforços e recursos pessoais e de outras organizações para produção, beneficiamento, crédito,

comercialização e consumo, o que envolve elementos de viabilidade econômica, permeados por critérios de eficácia e efetividade, ao lado dos aspectos culturais, ambientais e sociais. (BRASIL, 2013).

Portanto as ações econômicas realizadas dentro dos diversos empreendimentos de Economia Solidária são atos conscientes respeitando as opiniões do todo, ou seja, considerando todo o processo de autogestão.

2.4.4. Solidariedade

Este princípio se apresenta como a fusão dos outros três acima descritos, esse sendo fundamental para a realização deles, pois é através da consciência de serem solidários que acontecem à distribuição por igual das sobras; ajudam a melhorar as condições de vida dos participantes; o bem estar dos trabalhadores; tendo a preocupação com o futuro. Nesse ângulo, torna-se um viés para ter como fundamento uma economia sustentável. Como explica o Brasil:

A preocupação com o outro está presente de várias formas na economia solidária, como na distribuição justa dos resultados alcançados, na preocupação com o bem-estar de todos os envolvidos, nas relações com a comunidade, na atuação em movimentos sociais e populares, na busca de um meio ambiente saudável e de um desenvolvimento sustentável. (BRASIL, 2013).

A relevância do princípio da solidariedade na Economia Solidária, condiz com a própria descrição do termo. Quando envolve o processo da partilha com o outro, numa distribuição igualitária em todos os aspectos, indo além das cortinas das barreiras que formam a sociedade capitalista.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa pode ser caracterizada como uma pesquisa de perfil exploratório e de caráter descritivo. Desta forma, teve como objetivo desenvolver, esclarecer e mudar conceitos e ideias. As pesquisas exploratórias são desenvolvidas com a finalidade de propiciar uma visão universal, de um tipo próximo a determinado fato. A pesquisa exploratória é constituída de investigação mais ampla, passível de pesquisa por meio de método mais sistematizados (GIL, 2008).

Já as pesquisas descritivas têm como objetivo primário descrever as características determinadas de uma população ou descrição entre as diversificações. As pesquisas descritivas e exploratórias são um conjunto que habitualmente são executados por pesquisadores sociais preocupados com a representação prática (GIL, 2008).

Este trabalho foi realizado para avaliar a visão dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) sobre a temática da Economia Solidária (ECOSOL), tendo como público alvo os alunos (53) concluintes, divididas em duas turmas do 3º ano do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos, da Escola Estadual de Ensino Médio Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB.

Toda a pesquisa foi realizada com a autorização da direção da escola, a qual foi apresentada a proposta do estudo, sendo assim concluída dentro de uma tramitação acordada pelas partes envolvidas. Os trabalhos foram aplicados no período de três (3) meses, correspondendo a outubro, novembro e dezembro de 2016, no turno noturno.

Em atendimento às Resoluções CNS nos. 196/96 e 466/12 e à Norma Operacional 001/2013 também do Conselho Nacional de Saúde (CNS), os alunos receberam o Termo de Consentimento e Livre Esclarecido - TCLE (**Apêndice 2**), e aceitaram de modo voluntário a participar da pesquisa desse projeto, sendo esses incluídos na amostra. Sendo na finalização do processo mantido em sigilo a identificação dos discentes, utilizou-se para substituição dos nomes nos resultados os códigos de letras e números.

As atividades que foram desenvolvidas junto aos alunos compreenderam as seguintes etapas.

- Primeira etapa da pesquisa, foram levantados os dados sócio demográfico dos alunos utilizando-se um questionário semi-estruturado (**Apêndice 3**).
- Segunda etapa da pesquisa, buscou-se identificar as motivações que os levaram a escolher a modalidade EJA, desenvolvendo debates em sala de aula e entrevistas com base em um questionário (**Apêndice 4**).

- Terceira etapa da pesquisa, aconteceu a divulgação do modelo de ECOSOL, com uma palestra (**Apêndice 5**), textos e debates.
- Quarta etapa da pesquisa, foi realizado um levantamento de todo conhecimento construído durante a pesquisa junto às turmas concluintes sobre a ECOSOL através de questionário (**Apêndice 6**).

Os dados foram trabalhados qualitativamente através da análise descritiva dos aspectos descritos, em forma textual, registros fotográficos e resumidos em quadros. Já a abordagem quantitativa de alguns aspectos foi realizada através da estatística descritiva determinando-se valores percentuais. Os resultados foram apresentados na forma de tabelas e gráficos.

Os resultados foram categorizados por gênero (masculino e feminino) devido ao fato do aspecto social, as oportunidades são diferentes entre os gêneros, e isso é bem visível ainda nos dias atuais no Brasil. Os homens tem mais facilidade em conseguir emprego, por mais que as mulheres tenham conquistado sua vez no mercado trabalhista, ainda é notório que existem preconceitos enquanto a esse público.

Como a pesquisa foi realizada com 53 alunos, optou-se por exibir os transcritos de falas dos participantes que tiveram maior diferenciação dentro do conjunto de respostas, considerando que a amostra é expressiva.

Por ser um estudo na área de Educação, optou-se por escrever o texto na primeira pessoa, pois o constructo da pesquisa nasceu da experiência vivenciada desta autora em seu âmbito de trabalho. E também utilizamos o plural de modéstia, uma vez que se concebe que houve uma construção conjunta do trabalho sistematizado e as coautoras serão expressas no momento da submissão para publicação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Caracterização dos Alunos da EJA (EEMOVs) Quanto aos Aspectos Sócio Demográfico.

Nesse item descrevem-se os aspectos socioeconômicos dos alunos da EJA, com as caracterizações de sua faixa de idade; seu gênero (masculino ou feminino); se estão inseridos em alguma ocupação; por quanto tempo esses estiverem distante da vida acadêmica; quais os motivos que os levaram a abandonar a escola e quais as dificuldades encontradas para retomarem os estudos.

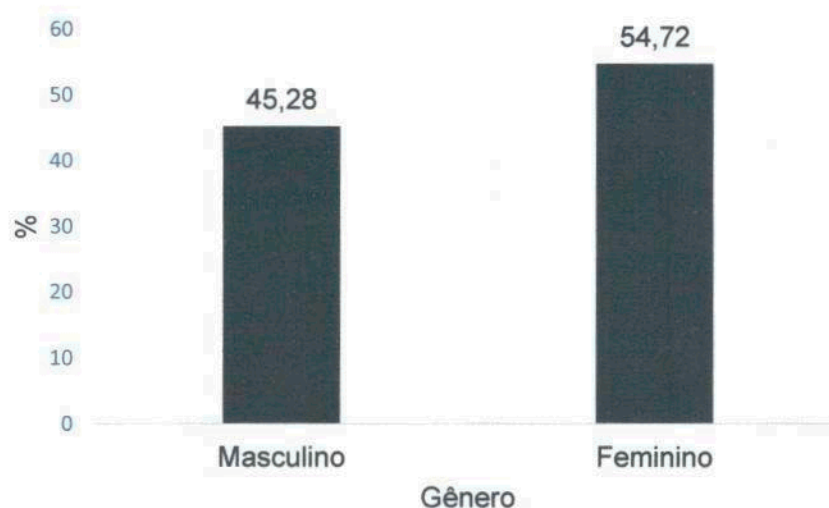
Na caracterização dos alunos (n=53), percebe-se que a média de idade dos mesmos foi de aproximadamente 22 anos. Entretanto, houve uma ampla faixa de variação, com a idade mínima de 19 e máxima de 58 anos. Tal resultado demonstrou a heterogeneidade etária e até certo choque de gerações na turma, o que traz ao trabalho docente o desafio de captar a modalidade de entendimento de cada geração. Demonstrado nos estudos de Paiva:

Embora nem sempre se disponha de estatísticas confiáveis, constata-se que os programas de EJA têm sido crescentemente procurados por um público heterogêneo, cujo perfil vem mudando em relação à idade, expectativas e comportamento. (PAIVA, 2007, p.19)

A relação do fator da heterogeneidade como descrito acima, reforça o entendimento que independente da sociedade condicionar uma faixa etária para o aluno participar do espaço escolar, está sendo rompido os preconceitos com a busca de conhecimentos que os auxiliem na vida profissional.

Quanto ao gênero (Gráfico 01), constatamos que a maioria dos discentes foi do gênero feminino (54,72%). Observamos que as mulheres estão cada vez mais empenhadas em melhorar a sua condição de escolaridade.

Gráfico 01. Distribuição percentual dos alunos do terceiro ano de EJA (n=53) da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2016, quanto ao gênero.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

As mulheres estão cada vez mais conseguindo seu espaço no mundo, e um dos aspectos que elas estão correndo atrás é em relação aos estudos. Essas pessoas por um tempo não podiam frequentar a escola por preconceito, em muitos casos elas se casavam e os maridos as impediam, ficando apenas sendo donas dos lares. Hoje pode-se associar essa maioria de mulheres na EJA há busca dos seus direitos. Podemos observar essa procura por independência na fala de Rieger e Alexandre:

A mulher está conquistando sua independência e reagindo ao papel de submissa, querendo conquistar seu espaço na sociedade, na busca da satisfação pessoal e realização de seus anseios. Mas para que isso aconteça, as mulheres tiveram que construir uma disposição para enfrentar as dificuldades que muitas vezes encontram ao retomar os estudos. Elas se manifestam no sentido do retorno aos bancos escolares, como uma possibilidade de acesso a uma profissão, pois elas acreditam que o estudo é à base do conhecimento (RIEGER e ALEXANDRE, 2011).

Identificado com esse novo panorama social onde as mulheres apresentam esse novo perfil, a educação deve buscar acolher os direcionamentos que sejam viáveis para adicionar no seu conteúdo instrumentos que ajudem essas a galgarem seus objetivos, através da modalidade EJA.

Quanto à ocupação, 56,60% dos casos apontaram que estão sem ocupação ou citaram a categoria “outros” como atividade (Tabela 01).

Tabela 01. Distribuição dos alunos do 3º ano de EJA (n=53) da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2016, quanto ao tipo de ocupação que desempenha,

Profissão	N	%
Do lar	7	13,21
Diarista	3	5,67
Vendedora	4	7,55
Agricultura	5	9,43
Doméstica	2	3,77
Panificadora	2	3,77
Não trabalha	15	28,30
Outros	15	28,30
TOTAL	53	100%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

No referencial a ocupação trabalhista, percebe-se que muitos desses alunos estão fora do mercado de trabalho, e muitos discursam que buscam a escola como um “passatempo”, no entanto, outros relataram que estavam tentando recuperar o tempo perdido, pois quando foram requisitados pela escolaridade para o mercado de trabalho, perceberam que sem os estudos fica cada vez mais difícil conseguir emprego. Como coloca Ferrari (2011),

O jovem que pertence ao mundo do trabalho, ou do desemprego, como é mais comum, incorpora-se ao curso da EJA objetivando concluir etapas de sua escolaridade para buscar melhores ofertas do mercado de trabalho por sua inserção no mundo letrado. (FERRARI, 2011, p.02).

É notória a necessidade expressa por parte dos jovens que participam do quadro acadêmico da EJA, a busca do resgate à escolaridade com a necessidade de ser aceito no campo trabalhista, mesmo que esses já façam parte de alguma atividade econômica, porém, esse mercado a cada década vem exigindo o nível de escolaridade nos seus currículos, o que dificulta quando esses tiveram que parar de estudar em algum momento da sua vida.

Quanto ao fato de já terem parado de estudar em algum momento da vida escolar, pode-se verificar que as mulheres (68 %) ficaram mais tempo afastados da escola, como exposto na Tabela 2.

Tabela 02. Distribuição dos alunos do 3º ano da EJA (n=53) da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, quanto fato de terem parado de estudar em algum momento da vida escolar.

Se parou de estudar	Masculino		Feminino	
	N	%	N	%
Sim	14	58,33	20	68,96
Não	10	41,67	9	31,04
TOTAL	24	100%	29	100%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Verifica-se que os homens apresentam menor desistência que as mulheres, portanto o percentual do público que abandonou a vida acadêmica foi mais expressivo nas discentes femininas. Reflexo muitas vezes de suas condições como mulheres que assumiram a maternidade precoce, ou se envolveram no matrimônio que as impossibilitou por afazeres domésticos. De acordo com Secretaria de Políticas para as Mulheres – SPM “a gravidez precoce é um dos motivos para que adolescentes interrompam os estudos, comprometendo a formação profissional”. A condição de ser chamada para cuidar da família é um fator que revela como a sociedade ainda é patriarcal, e nesse aspecto o homem se sobressai no campo trabalhista. Talvez por essa realidade tenhamos percebido que as mulheres vêm tentando ganhar seu espaço, mesmo ficando afastada por algum tempo dos estudos formais.

Quanto à motivação que os levou a ficarem afastados dos estudos formais, os alunos responderam de forma que evidenciou a volição individual, a ausência de oferta de turmas de EJA (provavelmente em escolas próximas às suas residências) e a existência de preconceito. Já as mulheres reportaram motivações de ordem pessoal e foro íntimo (Quadro 01).

Quadro 01. Exposição dos motivos pelos quais os alunos do 3ºano da EJA (n=53), da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, abandonaram o ambiente formal de aprendizagem em suas histórias de vida.

Masculino	Feminino
PGSF_04 “Por causa de preconceito de colegas e alguns professores”.	MJB_01 “porque, mãe não deixava eu vim estudar na rua”.
LLS_05 “Vontade Própria”.	MJLS_02 “Porque casei e tive filhos”.
RACS_06 “Por que o colégio não aceito eu estudar no EJA”.	MGLS_03 “Problemas de saúde; Depois dei uma pausa p/ter filhos”.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Percebe-se que os discentes que colaboraram com a pesquisa, afastaram-se dos estudos formais por vários motivos. Por terem perfis diversificados, elencam sua decisão oriunda de fatores externos ou intrínsecos. Quando apresenta na composição de suas palavras a interferência ambiental, socioeconômico, por não se enquadrarem nas normas da EJA, por preconceitos de colegas ou motivos próprios. Muitos jovens e adultos acabam por abandonar os estudos por diversos motivos, entre os quais, dificuldade de aprendizagem, esgotamento físico, falta de motivação para aprender (FORTUNATO apud AJALA, 2011). Embora, como

podemos observar na descrição do autor, há uma diversidade de agentes causadores das desistências em estudo.

4.2. Percepção dos Discentes Quanto à EJA

Nesse item descrevem-se as percepções dos discentes quanto à EJA, com as caracterizações sobre o porquê decidiram a voltar a estudar; porque escolheu à EJA; as dificuldades encontradas ao retornarem os estudos; o que esperam para o futuro e se existe a possibilidade de empreender.

Quanto à motivação que os levou a voltarem a estudar, os alunos responderam de forma que evidenciou a vontade de fazerem concurso e conseguir um emprego melhor. Enquanto as mulheres relataram que sem estudo enfrentam dificuldades maiores, e que também procuram como uma forma de ocupação mental. (Quadro 02).

Quadro 02. Exposição de relatos dos alunos do 3º ano da EJA (n=53), da E.E.E. M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, em relação aos motivos que levaram a voltar à vida escolar.

Masculino	Feminino
<p>DSM_07 “decidir voltar a estudar para me atualizar melhor para fazer algum concurso ou pra aumentar a chance de um emprego melhor”.</p> <p>RNFM_10 “porque em percebi que sem estudo não sou ninguém, decidi concluir porque com os estudos concluído eu tenho mais oportunidade de empregos”.</p> <p>JVCV_19 “porque o aprendizado é a única forma de termos um bom futuro”.</p> <p>ISS_29 “Por que preciso do ensino médio completo para pode arrumar um bom emprego”.</p> <p>GSN_35 “porque eu vi que sem o estudo nós não somos ninguém e se eu pudesse voltar o tempo eu faria tudo diferente, me arrependo pois hoje era para eu e outros que pararam como eu estarmos formados, depois de 10 anos a minha mãe, o meu bem mais precioso fora Deus me incentivou”.</p>	<p>ANS_15 “Por que queria aprender mais. Terminar o ensino médio e também para ocupar a mente pois estava no início de uma depressão e me ajudou bastante”.</p> <p>JSN_24 “Por que sem estudo nós não conseguimos nada, um emprego a nossa altura e para entrar numa universidade”.</p> <p>ESO_36 “Porque perdi muito tempo da minha vida, em casa sem estudar”.</p> <p>MLGM_37 “Porque estudar faz a gente mais informada adiquerer mais conhecimento tudo fica mais fácil na nossa vida e questão de trabalho”.</p> <p>MCLF_38 “porque sem estudo tudo fica mais difícil”.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

É perceptível que a retomada a vida escolar está ligada com as dificuldades enfrentadas ao longo da vida dos discentes de ambos os sexos, eles são conscientes que as oportunidades de trabalho melhoram quando se tem estudo. Segundo a pedagoga Álice Paula Balsanelli, os alunos da EJA são:

“Sujeitos que há anos pararam de estudar por diversos motivos, retornam à sala de aula, sendo por vontade própria, ou por “determinação” do mercado de trabalho turbulento dos tempos atuais. Cada sujeito teve um motivo próprio para parar de estudar, e possui um motivo tão próprio para retornar”. Os motivos para o retorno escolar são bem particulares, cada um tem seu sonho, e o que mais foi exposto na pesquisa é a vontade de alcançar melhores oportunidades de emprego. (BALSANELLI (S/D) p.1)

Retomar a escola após um período de ausência, trás a noção a esses alunos das dificuldades que eles podem superar quando são chamados a realidade de suas deficiências didáticas. Estes encontram na escola, além do apoio para esse novo aporte escolar, um conceito de valor social onde sejam incluídos como participantes da sociedade no aspecto econômico, pela proposta da Economia Solidária.

Quanto aos motivos que os levaram a escolher a modalidade EJA, os alunos responderam a vontade de concluir o ensino médio mais rápido, e também que seria um ensino mais fácil. As mulheres também relataram que seria uma forma mais rápida de terminar os estudos, mas acham que o ensino é bom. (Quadro 03).

Quadro 03. Exposição de relatos dos alunos do 3ºano da EJA (n=53), E.E.E. M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, em relação aos motivos que levaram a escolher a modalidade EJA.

Masculino	Feminino
<p>PGSF_04 “Para tentar concluir logo só que colocaram mais seis meses!”.</p> <p>DDV_08 “Por que reprovei 4 anos e decidi concluir o ensino médio mais rápido”.</p> <p>RNFM_10 “Porque o estudo é mais fácil e mais rápido”.</p> <p>JVCV_19 “Por ser uma forma mais rápida de concluir o ensino médio, já que fiquei quatro anos sem estudar”.</p> <p>SEFS_31 “Terminar mais rápido, cursar</p>	<p>MGLS_03 “porque é um ensino bom”.</p> <p>ESSM_12 “É um método de ensino mais rápido”.</p> <p>RSN_25 “Para terminar logo os estudos, e assim poder entrar no mercado de trabalho”.</p> <p>MCLF_38 “É um jeito mais rápido de concluir o ensino médio”.</p> <p>JCSL_39 “Bom, sempre estudei no ensino regular, mas esse ano escolhi fazer o Eja, pois pensei que seria apenas 6 meses, aí sobraria mais tempo para eu estudar em casa; já que na</p>

uma faculdade e trabalhar”.	escola não dá tempo ver todos os assuntos”.
-----------------------------	---

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Por muito tempo a EJA era vista como uma modalidade voltada a incluir pessoas a escola, tinha a função de “alfabetizar” não tinha outra finalidade, no entanto as pessoas foram criando expectativas de vida com esse estudo, como afirma Michele “A modalidade EJA hoje é vista pela maioria como uma modalidade que visa somente à conclusão do ensino básico. Entretanto, uma parcela significativa deste público anseia a continuação dos estudos aspirando uma melhora futura”. (AJALA, 2011, p.9).

Como referência a modalidade EJA oferece com as adequações as necessidades exigidas pelo público assistido, vem resgatar a credibilidade de promover um estudo para alunos que se viam fora da etapa escolar. E esses veem nessa nova forma didática um meio acessível para seus sonhos econômicos.

Quanto ao fato de terem sentido dificuldades ao voltar aos estudos, percebe-se um embate em relação à quantidade de alunos na opção que não sentiram dificuldades. (Tabela 03).

Tabela 03. Distribuição dos alunos do 3º ano da EJA (n=53) da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, quanto à possibilidade de terem sentido dificuldade em voltar a estudar.

Se teve alguma dificuldade na EJA	Masculino		Feminino	
	N	%	n	%
Sim	05	20,83	14	48,28
Não	09	37,50	06	20,69
Não responderam	10	41,67	09	31,03
TOTAL	24	100%	29	100%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Com observação do resultado pode-se entender que diante da amostra, as mulheres foram as que mais sentiram dificuldades. Dentre muitos problemas elencados, um que pode-se pontuar é a deficiência oriunda do espaço de tempo entre o contato com conteúdo didático aplicado e o que elas não lembravam ter estudado. Embora, fazem referência a tantos outros obstáculos. De acordo com Balsanelli (S/D) “Quando estes retornam, muitos têm muita dificuldade em acompanhar os conteúdos e, em diversos casos, acabam desistindo muito facilmente, sem, ao menos, tentarem entender o que lhes “bloqueia” o aprendizado”.

Entretanto, percebemos que mesmo com a tentativa de retorno ao mundo escolar, os alunos se descobrem distante de conteúdos que muitas vezes estão ausentes de suas realidades é quando muitos deles desistem.

Quanto às perspectivas para o futuro após terminarem o ensino médio na EJA, os discentes masculinos e femininos relataram o desejo de fazer um curso superior. (Quadro 04).

Quadro 04. Relatos dos alunos do 3º ano EJA (n=53), da E.E.E. M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, em relação às perspectivas para o futuro após terminarem o ensino médio a EJA.

Masculino	Feminino
<p>ACS_06 “Fazer uma faculdade”.</p> <p>DSM_07 “Fazer algum curso técnico, fazer algum concurso público”.</p> <p>WSB_09 “espero um futuro brilhante, com um emprego maravilhoso. Fazer vários cursos técnicos”.</p> <p>JVCV_11 “da continuidade aos estudos”.</p> <p>RNFM_10 “Fazer um curso superior ou técnico”.</p> <p>SEFS_31 “Que eu seja bem sucedido e consiga uma boa pontuação no ENEM e ingressar no curso que eu quero”.</p> <p>GSN_35 “o melhor estou dando de mim espero me surpreender comigo mesmo e ter tempo de ser alguém na vida e sair do serviço pesado”.</p>	<p>DPS_04 “Fazer um curso técnico”.</p> <p>JSA_14 “Espero conseguir um bom trabalho, cursar biologia, e no futuro trabalhar nessa área”.</p> <p>JSN_24 “espero que várias portas se abram, varias oportunidades”.</p> <p>ASS_33 “fazer faculdade de enfermagem ou um técnico de enfermagem”.</p> <p>ESO_36 “espero terminar o meu curso de pedagogia”.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

A descrição feita pelos alunos no Quadro 04, nos mostra que muitos estão em busca da continuidade de conhecimento, que possam o levar a um nível superior e conduzir para uma profissão qualificada. Outros, por motivos que os elevem no campo econômico, como um elo da superação de si mesmo. É o que afirma Carbone.

“Ninguém pode pensar adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes”. Ou seja, aprender sempre, buscar sempre, cada um tem um objetivo, mas todos desembocam em um maior, ter autonomia, ser independente. (CARBONE, 2013, p.30)

A busca de aperfeiçoamento em sua vida profissional, que leva os alunos ao retorno a uma escola, após longa ausência, também se transporta pelo fato desse querer ser autônomo. Poder interagir com um mundo socioeconômico no qual faz parte.

4.3. Intervenção Didática com os Alunos da EJA sobre a ECOSOL

A intervenção didática utilizada foi uma palestra e textos, onde foi apresentada para os alunos a definição de Economia Solidária, sendo como primeira apresentação o conceito de cooperação; a diferença entre cooperação e competição. Essa didática teve como objetivo elucidar os alunos para que entendessem a importância de cooperar, como também ajudar aos outros. Em seguida, definiu-se o que seria Economia Solidária e apresentou-se também os princípios básicos (cooperação, autogestão, solidariedade e ação econômica), todos esses descritos no referencial teórico. Depois foi realizada uma roda de conversa sobre o que entenderam e acharam da Economia Solidária.

4.4. Visão dos Alunos da EJA sobre a ECOSOL após a Intervenção

Nesse tópico levantaram-se os entendimentos dos alunos quanto a Economia Solidária, quanto ao significado do conceito Cooperar, e também quanto às características que não podem faltar na Economia Solidária.

Quanto ao que entenderam sobre Economia Solidária na EJA, os discentes masculinos e femininos relataram que é uma forma de economia que predomina a cooperação e autogestão. (Quadro 05).

Quadro 05. Relatos dos alunos do 3º ano da EJA (n=53), da E.E.E. M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, em relação ao que entenderam sobre Economia Solidária.

Masculino	Feminino
BCG_07 “uma nova maneira de comercio o qual faz o uso da autogestão, sem patrão e sem funcionário”.	ESSM_12 “Uma alternativa na geração de trabalho e inclusão social que integra quem é produtor quem vende, quem troca e compra é alto gestão democracia solidariedade respeito”.
DDV_08 “é um tipo de “comercio” onde todos se ajudam e cooperam para todos do grupo serem beneficiados igualmente”.	MKLS_13 “É uma cooperação no qual todos se envolve sem haver empregados e patrões, pois todos participam”.
WSB_09 “varias pessoas com o mesmo pensamento de colocar um comercio para todos ganhar dinheiro e saber administrar o ganho do comercio”.	JSA_14 “Uma economia onde todos se ajudam, uma forma de gerar empregos”.

<p>RNFM_10 “é um jeito de fazer a atividade econômica de produção, oferta de serviços, comercialização, finanças ou consumo baseado na democracia e na cooperação”.</p>	<p>ANS_15 “É uma alternativa que gera trabalho, onde todos tem a mesma oportunidade, e também é forma uma de inclusão”.</p>
<p>SMSF_11 “É um jeito diferente de produzir, comprar e trocar o que é preciso para vender sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, cooperado para o fortalecimento do grupo para cada um pensar no bem de todos e no próprio bem”.</p>	<p>RSLP_16 “É uma economia onde o lucro não é o principal objeto”.</p> <p>MGCR_17 “Quando a economia é em comum todos se ajudam e o lucro é dividido em igual”.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

A exposição dos alunos quanto ao que entenderam sobre Economia Solidária tem tudo haver com o significado dessa economia, mostra que esses alunos conseguiram entender a importância da mensagem de se ter autogestão, pois nos empreendimentos solidários o que predomina é a vontade de todos os integrantes, é uma economia voltada para ajuda dos componentes. Na descrição encontrada na cartilha do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) podem-se confirmar essas definições dos alunos:

A **Economia Solidária** é um jeito de fazer a atividade econômica de produção, oferta de serviços, comercialização, finanças ou consumo baseado na democracia e na cooperação, o que chamamos de autogestão: ou seja, na Economia Solidária não existe patrão nem empregados, pois todos/as os/as integrantes do empreendimento (associação, cooperativa ou grupo) são ao mesmo tempo trabalhadores e donos. (FBES, 2010, p.14)

A forma de estimular os alunos apresentando uma nova didática sobre economia, a qual solidifica o realismo como ponto de partida para seu entendimento, causa uma absorção do conteúdo, como ocorre na aplicação do tema Economia Solidária, como vimos nas descrições desses.

Quanto ao conceito de Cooperar, os discentes masculinos e femininos relataram que cooperar está ligado a “ajudar”, o desejo de sempre buscar maneiras de trazer ao outro algo em conjunto para um bem comum. (Quadro 06).

Quadro 06. Relatos dos alunos do 3º ano da EJA (n=53), da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, em relação ao que entenderam sobre cooperar.

Masculino	Feminino
PGSF_04 “ajudar uns aos outros em tarefa em solidariedade”.	MKLS_13 “cooperar é ajudar, contribuir com o meio”.
RACS_06 “cooperar é ajudar ao próximo ou apoiar e contribuir”.	MCLS_21 “procurar ajudar aqueles que tem tão pouco”.
WSB_18 “todos juntos em parceria e união”.	CSS_22 “cooperar é ajudar naquilo que precisar, é cada um fazendo sua parte”.
JVCV_19 “cooperar, ajudar sem ter segundas intenções e sem visar lucros, penso eu!”.	GSM_23 “ajudar as pessoas que mais precisam necessitam”.
APFB_20 “AS pessoas ajudar da maneira que pode”.	JSN_24 “É uma forma de ajudar aqueles que precisam, se unirem pra fazer a diferença”.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

O conceito de cooperação foi entendido praticamente da mesma forma entre todos, os alunos fazem a ligação cooperação com ajuda. Uma ajuda mútua, todos têm que participarem de forma igualitária uns para com os outros, para que a Economia Solidária seja realizada da forma correta, o que importa é o desejo de todos. De acordo com Brasil

a **cooperação** como a existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária sobre os possíveis ônus. Envolve diversos tipos de organização coletiva que podem agregar um conjunto grande de atividades individuais e familiares; (BRASIL, 2012).

Embora o conceito de Economia Solidária tenha sido coerente entre todos os alunos no entendimento da proposta descrita, nota-se que esse termo “ajudar” vai além do fator econômico, quando alguns descrevem que independente do fator lucro, devemos ser solidário com nosso próximo, principalmente com os menos favorecidos.

Quanto a características que não podem faltar na Economia Solidária, os discentes masculinos descreveram palavras como determinação, confiança e união. Já as características descritas pelas alunas foram: parceria, interesse muito e consciência. (Quadro 07).

Quadro 07. Relatos dos alunos do 3º ano da EJA (n=53), da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, município de Cuité – PB, 2017, em relação a características que não pode faltar na Economia Solidária.

Masculino	Feminino
<p>DDV_08 “determinação, pois é com ela que vai conseguir alcançar bons resultados”.</p> <p>WSB_09 “companheirismo e confiança porque precisa todos se unir pensando em todos do grupo e confiar que todos são capazes de ajudar grandiosamente”.</p> <p>ASS_28 “o que não pode faltar é a união de todos”.</p> <p>ISS_29 “Dialogo entre as pessoas solidarias, ou seja entendimento entre todos, todo tem como objetivo cooperar com as pessoas”.</p> <p>RRM_30 “A união de todos que tem seus direitos e deveres a ser cumprido no processo de produção do projeto”.</p>	<p>MJBS_01 “não pode faltar o cooperativismo porque ela esta voltado para a produção e comercialização, isso necessita de uma parceria ou seja de pessoas que trabalhe em conjunto”.</p> <p>MKLS_13 “O interesse muito dos envolvidos, pois todos precisam se empenhar”.</p> <p>RSN_25 “não pode faltar consciência, para abrir caminhos para todos”.</p> <p>FSA_26 “combinação, porque se não for combinado não dar certo”.</p> <p>MVSA_27 “não pode faltar pessoas empenhadas em equipe”.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

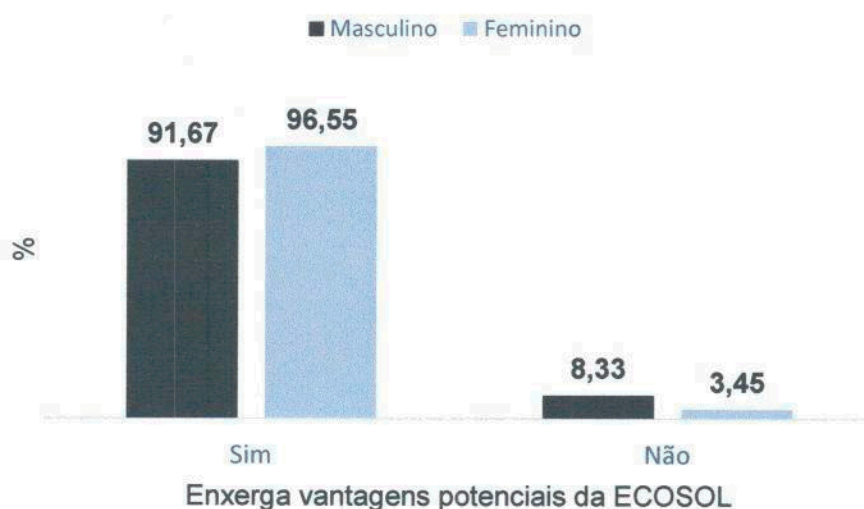
É perceptível nas respostas dos alunos o verdadeiro significado da economia solidária, pois o diferencial é justamente a cooperação, ajuda mútua, determinação, essas são algumas características encontradas nos empreendimentos solidários. A autogestão exige a presença delas para poder se realizar. Pensamentos egoístas, que tenham direcionamento capitalistas não podem existir senão, pois são a antítese do conteúdo proposto pela Economia Solidária, com tendência ao fracasso. Para Possati e Dewes:

O conceito de economia solidária abriga muitos métodos econômicos associados a práticas de consumo, comercialização, produção e serviços, em que se fomenta a participação coletiva, autogestão, democracia, cooperação, autossustentação, a promoção do desenvolvimento humano e o equilíbrio dos ecossistemas. (POSSATI e DEWES, S/D, p.424).

É de suma importância que os alunos tenham se expressado de forma coesa com esse aprendizado na visão sobre a concentração de renda, quanto à forma como ser integrante de um método cooperativo. Com todas as delimitações a serem aplicadas, de forma consciente, o objetivo da Economia Solidária se torna alicerçada.

Quanto à possibilidade de vantagens potenciais da ECOSOL, constata-se que a maioria dos discentes foi do gênero feminino (96,55%), acreditando que lhes tragam vantagens. Esse público está cada vez mais empenhado em melhorar a sua condição de escolaridade. (Gráfico 02).

Gráfico 02. Distribuição percentual dos alunos do 3º ano da EJA (n=53), da E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos de Cuité-PB, 2017, quanto à possibilidade de vantagens potenciais da ECOSOL.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

É notório que para os participantes da amostra, existe muitas vantagens no sistema solidário, não só em relação ao financeiro, mas principalmente a inclusão social a melhoria de vida. Os participantes entram em contato com métodos para aprenderem a serem autônomos, levando para a utilizarem nas suas vidas profissionais. Ficam explícitos esses dados na fala de Gadotti.

A economia solidária é antes de tudo um processo contínuo de aprendizado de como praticar a ajuda mútua, a solidariedade e a igualdade de direitos no âmbito dos empreendimentos e ao mesmo tempo fazer com que estes sejam capazes de melhorar a qualidade de seus produtos, as condições de trabalho, o nível de ganho dos sócios, a preservação e recuperação dos recursos naturais colocados à sua disposição. (GADOTTI, 2009, Pág.13)

Todos os contatos com a Economia Solidária deixam ao aluno a percepção de amplitude de oportunidades no referente à igualdade de direitos, com participação ativa no financeiro e na forma de cooperação. Somando ideais e vontades, trazem na esperança uma responsabilidade de solidariedade, para que alcancem o sucesso desejado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse trabalho foi instigado como se encontraria um viés para avaliar o aluno do ensino médio, que compunha o público EJA, com relação à apresentação do tema Economia Solidária, sendo esse o veículo de conhecimento que oportunizasse através de sua metodologia formas de alcançar o campo do trabalho, viabilizando um emprego em forma cooperativista.

Essa pesquisa foi realizada com os alunos do 3º ano do ensino médio, na E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, da modalidade EJA. Público esse misto, tanto no campo etário como econômico, oriundos de várias realidades socioeconômicas, com o objetivo de que esses tivessem um contato com a proposta da Economia Solidária como suporte para alavancarem empregos que os tirem da margem da sociedade capitalista.

Mesmo sendo a temática já discutida no campo acadêmico, observa-se que os participantes da modalidade EJA, entram em contato com a Economia Solidária com a percepção primária de ser apenas um conteúdo curricular a ser cumprido. E nessa lacuna, veio o embasamento da pesquisa de se investigar através de alguns instrumentos, qual o conhecimento que eles detinham sobre a Economia Solidária no aspecto quanto a ser um propulsor no campo empregatício. Proposta que teve um respaldo positivo, quando os elementos da pesquisa entenderam que além do conteúdo curricular havia no engodo da modalidade um direcionamento econômico, através de uma forma que pudessem se organizar em cooperativismo, fortalecendo uma sociedade de fins econômicos comuns. Tornando-se assim, alunos que colaboraram de forma prestativa e participativa, mostrando interesse no assunto abordado, vendo que a modalidade oferta um novo caminho para que possam mudar sua realidade socioeconômica.

Na solicitude de novas formas didáticas para que o conhecimento seja cada dia mais próximo à realidade do corpo discente, como docente, no decorrer da pesquisa se pode validar que o trabalho atingiu de uma forma expressiva o objetivo aqui proposto, quando os alunos entraram em contato com o tema, e se colocaram como parte promotora de polinizadores de ideias, e com os conhecimentos adquiridos, futuros interventores do processo socioeconômicos, deixando o entendimento que a escola, através do assunto abordado rompe as estruturas físicas, ofertando conhecimento para oportunidade das mudanças de vida. E nos mostrando que esse terreno do conhecimento é muito fértil e promissor para ambas as partes alunos e professores.

6. REFERÊNCIAS

AJALA, M. C. **ALUNO EJA: motivos de abandono e retorno escolar na modalidade EJA e expectativas pós EJA em Santa Helena-PR.** 2011, 45p. Monografia (Especialização em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade EJA). Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1647/1/MD_PROEJA_2012_IV_16.pdf>. Acesso em 18 de Abril de 2017.

BALSANELLI, Á. P. **Aprendizagem de jovens e adultos: a aprendizagem a seu tempo.** Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1285643/mod_resource/content/0/Aprendizagem%20jovens%20e%20adultos%201.pdf>. Acesso em 11 de Abril de 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal (1988). Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 07 de Março de 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96,** de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 03 de Maio de 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ciências naturais /Ministério da Educação.** 3. ed.136p.-Brasília:A secretaria,2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos,** de 05 de julho de 2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2000. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

BRASIL, Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Política Nacional de Economia Solidária SENAES/MTE.** Vol 1. Brasília, maio de 2013.

CARBONE, S. A. B. **DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA REFLEXÃO COM ALFABETIZADORES DA EJA.** 2013, 39p. MONOGRAFIA (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4486/1/MD_EDUMTE_2014_2_91.pdf> em: acesso em 19 de Abril de 2017.

COSTA, L. F. V. **Anos 60: Leitura e Educação Popular no Discurso dos Inquisidores.** Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/moacyr/a_pdf/willington_leitura_educ_pop_inquisidores.pdf> Acesso em 20 de Abril de 2016.

CRESPO, Antônio Arnot. **Estatística Fácil**. 17ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

FERRARI, Shirley Costa. **O aluno de EJA: jovem ou adolescente?** Disponível em: <<http://docplayer.com.br/15840709-O-aluno-de-eja-jovem-ou-adolescente.html>>. Acesso em 11 de Abril de 2017.

Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). Disponível em <http://base.socioeco.org/docs/cartilha_fb.es.pdf>. Acesso em 18 de Abril de 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á pratica educativa**/Paulo Freire. – São Paulo: paz e terra, 1996(coleção leitura).

FRIEDRICH, M. et al. **Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n67/a11v1867>>. Acesso em 16 de Janeiro de 2017

GADOTTI, Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica**/ Moacir Gadotti. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009 (Edição popular).

GALVÃO, A. M. de O.; SOARES, L. J. G. **História da alfabetização de adultos no Brasil**. In: *ALBUQUERQUE, E. B.; LEAL, T.F. A alfabetização de jovens e adultos: em uma perspectiva de letramento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. Atlas, São Paulo, 2008.

KRUPPA, Sonia M. Portella. **Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Inep, 2005. 104p.

MARTINS, A. T. de O.; AGLIARDI, D. A. **A LEGISLAÇÃO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS A PARTIR DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988**. IN: ANAIS DO SEMINÁRIO DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO Desafios da EJA Contemporânea (19/10 e 22/11/2013) Disponível em: http://ucsobservatorios.com.br/uploads/2013/Políticas_de_EJA/Trabalho/07_05_50_A_LEGISLAÇÃO_DE_EDUCACAO_DE_JOVENS_E_A.pdf>. Acesso em 11 de Janeiro de 2017

MELO, C.S; et.al. **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: Um Estudo Sobre Os Movimentos De Educação E Cultura Popular (1950-1960) E As Contribuições De Paulo Freire**. IN. VXIII da Semana de Historia, VI Fórum de Pós-

UFCEG/BIBLIOTECA

Graduação em História, I Fórum de Licenciatura em História; O perfil profissional do Historiador: impasses e desafios (7 a 9 de novembro de 2012). Disponível em:
<<http://www.indev.com.br/semana/trabalhos/2012/119.pdf>>. Acesso em 27 de Março de 2017.

PAIVA, Jane. **Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea, 1996-2004**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2007. Disponível em
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=657-vol1ejaelt-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 10 de Abril de 2017.

Parecer CNE/CEB 05/1997 – Homologado. Disponível em
<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1997/pceb005_97.pdf>. Acesso em 23 de Janeiro de 2017

Parecer CNE/CEB 11/2000 – Homologado. Disponível em
<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>. Acesso em 25 de janeiro de 2017

POSSATTI, D. M.; DEWES, F. **Cooperação, Economia Solidária e Sociabilidades: estudo de caso na 20ª Feira Estadual do Cooperativismo de Santa Maria (FEICOOP)**. Disponível em
<http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Daniele%20Possatti.pdf>. Acesso em 18 de Abril de 2017.

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 01/2000. Disponível em
<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>. Acesso em 23 de janeiro de 2017

REZENDE, José Marcelino de Pinto. *et al.* **Um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 81, n. 199, p.511-524, set./dez. 2000.
<http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/search>>. Acesso em 19 de Abril de 2017.

RIEGER, M.; ALEXANDRE, I. de J. **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: o retorno das mulheres à escola**. IN: Revista Eventos Pedagógicos v.2, n.2, p. 161 – 170, Ago./Dez. 2011. Disponível em:
<<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/412/242>>. Acesso em 10 de Abril de 2017.

Secretaria de Políticas para as Mulheres – SPM
Presidência da República – PR
Ministério da justiça e cidadania

Disponível em <<http://www.spm.gov.br/noticias/04-11-estatisticas-de-genero-1-escolaridade-das-mulheres-aumenta-em-relacao-a-dos-homens>>. Acesso em 13 de Fevereiro de 2017.

SINGER, Paul Israel. **Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Inep, 2005. 104p.

SINGER, Paul Israel. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, P. “A Economia Solidária como ato pedagógico” in Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos. Sonia M. Portella Kruppa (Org.). Brasília: Inep, 2005.

STRELHOW, T. B. **BREVE HISTÓRIA SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL**. *Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.38, p. 49-59, jun.2010 - ISSN: 1676-2584*

Disponível em <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf>. Acesso em 31 de janeiro de 2017

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VERARDO, Luigi. **Economia Solidária e Autogestão** Disponível em: <<http://base.socioeco.org/docs/luigiverardo98.pdf> 05/04/17>. Acesso em 05 de Abril de 2017.

APÊNDICE 1: fotos dos alunos

Fonte: Suzy Nunes Crispim (2016)



Figura 1 – Alunos do 3ºB respondendo os questionários



Figura 2 – Alunos do 3ºB respondendo os questionários



Figura 3 – Alunos do 3ºB respondendo os questionários



Figura 4 – Alunos do 3ºA respondendo os questionários



Figura 5 – Alunos do 3ºB respondendo os questionários



Figura 6 – Alunos do 3º respondendo os questionários

Apêndice 2 – Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE)

Eu, **Suzy Nunes Crispim**, responsável pela pesquisa “*Economia Solidária (ECOSOL) na Visão dos Alunos da EJA: compreensões e concepções iniciais nos momentos de conclusão do ensino médio*” estou fazendo um convite para você participar como voluntário deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende trabalhar a temática da visão dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) sobre a Economia Solidária. Acreditamos que ela seja importante porque embasa sua relevância no fato de que a conscientização dos discentes sobre as práticas de economia solidária contribuirá para um real desenvolvimento da qualidade de vida dos mesmos.

Para sua realização será aplicado um questionário semi-estruturado com os discentes. Sua participação consistirá em responder às perguntas do questionário. Esta pesquisa não causará nenhum desconforto ou risco para você. Os benefícios que esperamos como estudo são o melhoramento e o desenvolvimento da EJA na região do Semiárido paraibano.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com a referida pesquisadora. Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos por esta pesquisadora.

- **Autorização:**

Eu, _____, após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos

objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do voluntário ou representante legal

Assinatura de uma testemunha

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Suzy Nunes Crispim

- **Dados dos pesquisadores:**

Suzy Nunes Crispim. Endereço: Rua Vicente Gomes de Andrade, nº 06. Castelo Branco, Cuité – PB. CEP. 58.175-000. Telefone: (0xx83) 99803-0418. Endereço eletrônico: suzy_crispim@hotmail.com

Apêndice 3 – Questionário sócio demográfico. Instrumento de Coleta de Dados Projeto: “Economia Solidária (ECOSOL) na Visão dos Alunos da EJA: compreensões e concepções iniciais nos momentos de conclusão do ensino médio.”

Nome Completo:	
Idade: anos.	Gênero: Fem. () / Masc. () / Outros ()
Escolaridade:	
1) Trabalha em que?	
2) Com quantos anos começou a estudar?	
3) Parou de estudar por algum tempo?	
4) Quantos anos você ficou sem estudar?	
5) Por que ficou sem estudar?	
6) Sentiu alguma dificuldade quando voltou à vida escolar?	
Anotações:	

Apêndice 4- Questionário sobre as motivações para a escolha da EJA. Instrumento de Coleta de Dados Projeto: “*Economia Solidária (ECOSOL) na Visão dos Alunos da EJA: compreensões e concepções iniciais nos momentos de conclusão do ensino médio*”.

Nome _____

1-Por que decidiu a voltar a estudar?

2- Por que escolheu a EJA?

3- Teve alguma dificuldade na EJA?

4- O que espera para seu futuro?

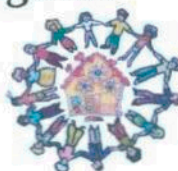
5-O que você espera para sua vida após o término de seu curso no EJA?

Apêndice 5 – Resumo da palestra a ser apresentada durante as atividades do Projeto:
 “Economia Solidária (ECOSOL) na Visão dos Alunos da EJA: compreensões e concepções iniciais nos momentos de conclusão do ensino médio.”

(Em construção, slides abaixo como exemplo da pesquisa realizada na temática)

Economia Solidária

- É uma forma de produzir, comercializar e consumir, colocando as necessidades humanas acima das necessidades do capital (interagindo produção e consumo)

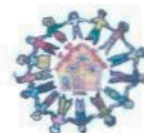


ASPECTOS A SEREM CONSIDERADOS PARA A CONSOLIDAÇÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

NÃO EXISTE PATRÃO, NEM EMPREGADO (grupos autogestionários);

O CONSUMO É RESPONSÁVEL E CONSCIENTE (desenvolvimento local e sustentável, produtos saudáveis, benefício do consumo)

MUDANÇA SOCIAL – lógica diferenciada de desenvolvimento (sem concentração de renda, de terra); políticas de distribuição



Fonte: pratoslimpos.org.br/wp-content/uploads/2010

Apêndice 6- Levantamento do conhecimento adquirido sobre ECONOMIA SOLIDÁRIA. Instrumento de Coleta de Dados Projeto: “*Economia Solidária (ECOSOL) na Visão dos Alunos da EJA: compreensões e concepções iniciais nos momentos de conclusão do ensino médio*”.

Nome _____

- 1- O que entenderam sobre ECONOMIA SOLIDÁRIA.
- 2- O que é cooperar?
- 3- Quais as características que não podem faltar na ECONOMIA SOLIDÁRIA
- 4- Existem vantagens na ECONOMIA SOLIDÁRIA?